

# UMA TEORIA DE DESENVOLVIMENTO UNIFICADA \*

**KEN WILBER**

Tradução de Ari Raynsford ([www.ariraynsford.com.br](http://www.ariraynsford.com.br))

Revisão de Darcy Brega

## Resumo

Este artigo é uma resposta ao artigo "Dois Padrões de Transcendência" de Michael Washburn, no qual ele afirma que existem dois paradigmas dominantes, mas incompatíveis, na Psicologia Transpessoal: Psicologia Analítica de Jung e Psicologia de Espectro de Wilber. A conclusão deste artigo é que os dois paradigmas psicológicos não são incompatíveis e que o modelo junguiano pode, em aspectos essenciais, ser incorporado ao modelo de espectro.

## Índice

Involução	10
Comparação entre os Dois Modelos	13
Alguns Pontos a Esclarecer	15
Conclusão	20
Referências	21

---

\* Artigo publicado inicialmente no *Journal of Humanistic Psychology*, Vol. 30, Nº 3, Summer 1990, com o título "Two Patterns of Transcendence – A Reply to Washburn". Posteriormente, foi republicado no Volume 4 de *The Collected Works of Ken Wilber*, Shambhala, 1999, com o título "A Unified Theory of Development". (N.T.)

Michael Washburn (1988) apresentou um resumo muito claro e conciso do que ele percebe como os dois paradigmas dominantes na Psicologia Transpessoal, a saber, a Psicologia Analítica de Jung e a minha Psicologia de Espectro. Washburn caracteriza a visão de Jung como "espiral para integração" ou "retorno em U às origens", e chama a minha visão, de forma pouco lisonjeira (e, como veremos, incorretamente), de "escada para a unidade" ou "ascensão direta". Em seguida, Washburn argumenta que ambas as visões são logicamente consistentes e teoricamente aceitáveis; portanto, que um modelo não pode substituir ou incorporar o outro e, conseqüentemente, uma teoria de transcendência unificada é altamente improvável.

Assim, no decurso da apresentação de Washburn, torna-se necessário para ele tentar mostrar que o modelo de "ascensão direta" não incorpora e não pode incorporar os tipos de características psicológicas e teóricas abordadas pelo modelo de "retorno em U às origens". Por este motivo, o modelo de "ascensão direta" conteria alguns erros profundos ou, no mínimo, inadequações. Washburn, então, passa a comparar e contrastar os dois modelos de acordo com "cinco pontos críticos sobre os quais os paradigmas divergem". A conclusão é que, se as divergências se mantiverem e ambos os modelos se mostrarem plausíveis, e forem mutuamente incompatíveis, depreende-se que não é possível uma integração ou síntese deles.

O ponto crucial do argumento de Washburn é que o modelo da "ascensão direta" não inclui uma volta à fonte ou um "retorno em U às origens". Consigo apresentar minha resposta a esse ponto de forma muito simples: acredito que Washburn, embora cuidadoso e articulado como é, fundamentalmente, entendeu mal e deturpou minha posição de uma maneira que, artificialmente, faz parecer que os dois paradigmas não podem chegar a algum tipo de acordo importante. Tentarei mostrar que o chamado modelo de ascensão direta incorpora de fato a essência do "retorno em U às origens", mas o faz de uma forma, tanto metafísica quanto cientificamente, mais sólida do que a tentativa junguiana de Washburn.

Sempre tive muito respeito e apreço pelo trabalho de Washburn. Ele é um autor bastante talentoso e sempre traz enorme clareza e visão para qualquer tópico que aborda. O presente caso não é exceção. Embora eu acredite que Washburn tenha cometido alguns erros graves, sua apresentação, mais uma vez, foi de grande ajuda para esclarecer as questões envolvidas. Neste caso, infelizmente, acredito que Washburn fez pelo modelo junguiano o que Hume fez pelo empirismo: ao torná-lo consistente, ele o tornou inacreditável.

Permita-me começar dizendo que eu costumava acreditar firmemente no modelo junguiano. Ainda uso muito da terminologia de Jung e o considero um gênio

pioneiro de primeira grandeza. Em particular, achava seus conceitos profundamente importantes: os conceitos de arquétipo, inconsciente pessoal e coletivo, individuação, persona, sombra, ego e Self. Atualmente, me dou conta de que praticamente todos esses conceitos são um pouco ou altamente problemáticos, pelo menos como concebidos pelos junguianos.

Atualmente estou preparando um texto com a extensão de um livro sobre o que percebo serem as limitações e distorções do modelo junguiano (bem como uma avaliação dos aspectos da teoria junguiana que parecem ter resistido aos estudos modernos); portanto, neste ponto, permita-me dizer apenas que não estou sozinho em ser um teorizador com orientação mística que é, basicamente, um ex-junguiano. Antes, costumava-se dizer que se alguém tivesse orientação espiritual, Jung era a única opção disponível na psicologia. Porém, agora, há uma crescente rejeição, por parte de professores espirituais orientais e ocidentais, de importantes princípios junguianos e uma forte crítica do que é percebido como algumas de suas distorções fundamentais do processo espiritual.

Existem vários exemplos desses críticos. Augustine Leonard afirmou que "em comparação e porque seu método é tão rigoroso, Freud é menos perigoso [do ponto de vista espiritual]. Aquilo que Jung chama de religião, que ele honestamente acredita ser religião, não é religião de forma alguma; nem mesmo do ponto de vista empírico. Parece ser apenas uma manifestação bastante fortuita" (citado em McNamara, 1981). Ou, como William McNamara (1981), OCD [Ordem dos Carmelitas Descalços], afirmou em *Christian Mysticism-The Art of Inner Way*: "se eu tivesse de escolher entre Jung e Freud como guia espiritual, eu escolheria Freud". O que ele quis dizer é que Freud simplesmente rejeitou a religião, enquanto Jung a distorceu. E, vindo do Oriente, John Reynolds (1989), sob os auspícios de Namkhai Norbu (titular da linhagem Dzogchen, os mais elevados ensinamentos do Budismo), ressaltou que quase todo o conhecimento de Jung do Budismo Tibetano (e, portanto, da transcendência oriental) proveio das traduções bem errôneas de Evans-Wentz. Tenho convicção de que a estrutura monolítica do pensamento junguiano (e neojunguiano) está começando a desmoronar e seu monopólio da psicologia espiritual está irrevogavelmente deteriorando-se. E embora valha a pena resgatar muito do pensamento junguiano, muito mais precisa ser descartado. Creio que o artigo de Washburn destaca de maneira convincente as dificuldades insuperáveis do paradigma junguiano.

Durante o tempo em que fui junguiano ou, pelo menos, quase junguiano, fiquei muito bem impressionado com o esquema de desenvolvimento de Jung (que foi particularmente muito bem explicado por Edinger [1972] e resumido no artigo

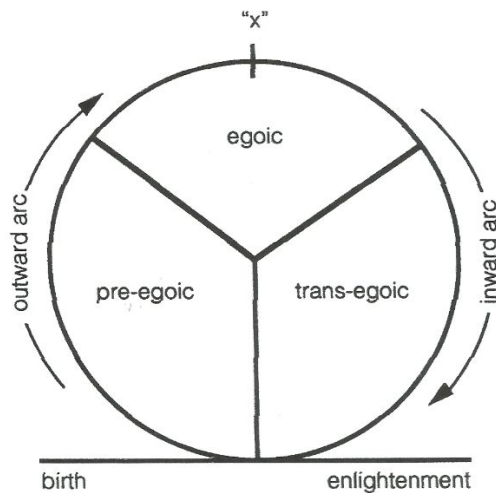
de Washburn). Nesse esquema, o ego começa inconscientemente uno com, ou imerso no, Self ou Essência. Em seguida, por meio de um processo de alienação e separação do Self, o ego emerge como uma entidade individual e isolada. O surgimento e a consolidação do ego independente ocupam, aproximadamente, a primeira metade da vida. Na segunda metade da vida, o ego *retorna* ao Self, mas dessa vez de forma consciente. O senso de identidade move-se do ego para o Self (embora o ego permaneça como uma entidade com funcionamento convencional). Assim, os junguianos postulam o que eu chamei em outro texto (Wilber, 1982), tecnicamente, de um "retorno em U" – e localizam esse retorno em U bem na metade do desenvolvimento (esse é o "retorno em U" ao qual Washburn constantemente se refere, embora não mencione de onde ele tirou esse termo específico).

Observe que não discordo desses três estágios gerais de desenvolvimento (a saber, pré-egoico para egoico para transegoico) – escrevi extensivamente sobre eles (Wilber, 1983). Porém, discordo veementemente da caracterização do estado pré-egoico (o útero real e o estado neonatal) como um estado de unidade inconsciente com o Self, a *mesma* unidade sendo recapturada pelos estados transegoicos na consciência mística. Essa é uma noção romântica que foi popular na época de Schelling, de quem Jung se apropriou da ideia; mas é uma noção bastante antiquada e pitoresca, não sustentada por pesquisas modernas nem, na verdade, pela ampla maioria das tradições perenes.

De qualquer modo, eu acreditava nessa versão junguiana do retorno em U e, na verdade, comecei a escrever dois livros que provariam o esquema junguiano. O primeiro livro, *The Atman Project [O Projeto Atman]*,<sup>†</sup> examinava o desenvolvimento ontogenético para demonstrar que o bebê começa uno com o Self em uma espécie de união mística inconsciente (uno com o seio, com a mãe e com o mundo). Essa essência fundamental e união primária são, afinal, abandonadas ou realmente reprimidas (o que chamei de repressão primária) a fim de produzir um ego isolado e alienado. Essa primeira etapa eu chamei de Arco Exterior. Em seguida, na segunda perna, ou Arco Interior, o ego volta (o retorno em U) à sua Essência primordial ou Self, só que desta vez de forma consciente, ressuscitando sua identidade primordial com o Self e a Fonte (a fase transegoica completa). Na verdade, usei o diagrama a seguir, que ainda pode ser encontrado em *The Atman Project*, para descrever o desenvolvimento e o crescimento geral (ver Figura 1).

---

<sup>†</sup> Uma observação quanto às obras do Wilber citadas no texto: mantive o título em Inglês e, quando já traduzidas, coloquei o título em Português entre colchetes na primeira citação. (N.T.)



birth	nascimento
outward arc	arco exterior
pre-egoic	pré-egoico
egoic	egoico
trans-egoic	transegoico
inward arc	arco interior
enlightenment	iluminação

Figura 1

Este é essencialmente o modelo que Washburn apresenta. Seus estágios são mais ou menos idênticos aos meus, e ele frequentemente usa minha terminologia (estágios e terminologia que ele aceita livremente), embora Washburn, claro, os trate de sua própria maneira original e altamente perspicaz.

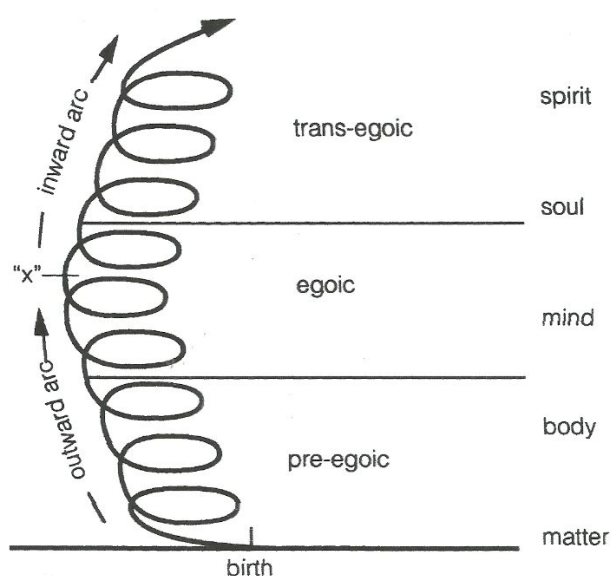
Mas já havia um problema. Na época em que estava na metade da versão original de *The Atman Project*, percebi que, por mais que tentasse de todas as formas, o modelo junguiano não funcionava. Uma enorme quantidade de evidências acumulava-se contra ele. Praticamente todo o panteão da filosofia perene, toda a psicologia e psiquiatria modernas (exceto os junguianos e os tipos Norman O. Brown), e todo o peso da psicologia do desenvolvimento e da teoria evolucionária estavam em forte desacordo com o modelo romântico/junguiano. Isso foi extremamente desconcertante para mim.

Com uma espécie de angústia mental, pus de lado *The Atman Project* e decidi examinar as evidências filogenéticas, esperando ainda poder sustentar o modelo junguiano do retorno em U com a ajuda da antropologia. E aqui tudo parecia muito promissor: todos os grandes mitos do mundo não falam de uma Idade de Ouro, um Éden Paradisíaco que foi perdido para produzir a era moderna decaída, mas que poderia ser reconquistado para celebrar o Céu na Terra? Apoiado pelas massivas obras de Campbell e outros intérpretes com ideias semelhantes, tentei montar o caso filogenético.

Para meu horror, as evidências gerais simplesmente não sustentavam a visão junguiana. Bastava olhar para as tortuosas reinterpretções românticas dos dados antropológicos que Campbell, por exemplo, dava a praticamente qualquer ato primitivo a fim de provar que era transcendental. Sacrifício humano – isto é,

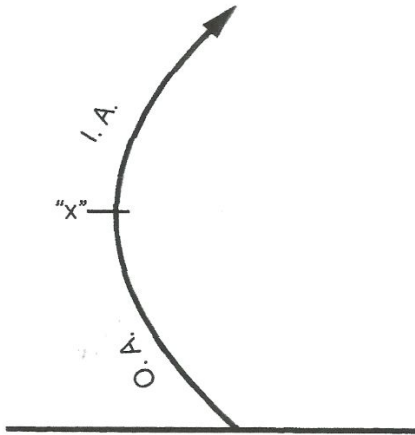
homicídio deliberado – Campbell explicava, com uma cara séria, era uma forma de transcender o ego. Você entende: "que bom, lá se vai aquele ego!"

Para encurtar a história, fui forçado a abandonar o modelo junguiano (embora resgatando o que penso ser alguns de seus pontos corretos). Reescrevi *The Atman Project* e *Up from Eden* [Éden: Queda ou Ascensão?], usando o modelo de espectro que desenvolvi (a chamada "escada para a unidade"), que teve sua inspiração não em Jung, mas na filosofia perene em geral e na Grande Cadeia do Ser em particular. Este modelo incorpora muito facilmente não apenas a maioria das grandes tradições de sabedoria (incluindo, ao contrário de Washburn, o Taoísmo e o Tantra), mas também, e muito importante, as características essenciais da psicologia do desenvolvimento moderna, bem como teorias de sistema dinâmico (teorias do caos) e a teoria evolucionária em geral. E sim, essa concepção evolucionária é o que pode ser descrito como um desenvolvimento em "espiral ascendente" (não é uma "ascensão direta", como afirma Washburn; ele até reconhece que esse modelo tem todos os tipos de altos e baixos e espirais dialéticas). Porém, a pulsão geral da espiral evolucionária tem, de fato, um aspecto ascendente e pode ser representado de forma simples como na Figura 2. Ainda podemos representá-lo mais esquematicamente como na Figura 3. Esse foi o modelo de espectro de desenvolvimento evolucionário, em espiral ascendente que apresentei em *The Atman Project* e *Up from Eden*, onde, no todo, a evolução (ou o desenvolvimento) era vista como se movendo da matéria para o corpo, para a mente, para alma, para o espírito.



birth	nascimento
outward arc	arco exterior
inward arc	arco interior
pre-egoic	pré-egoico
egoic	egoico
trans-egoic	transegoico
matter	matéria
body	corpo
mind	mente
soul	alma
spirit	espírito

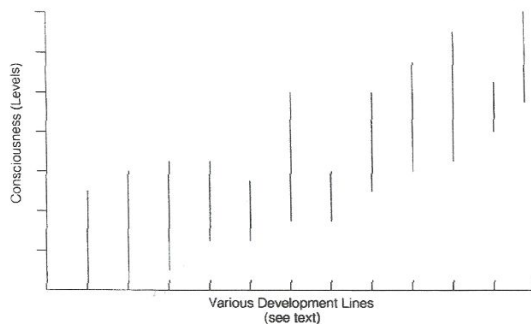
Figura 2



O.A.	arco exterior
I.A.	arco interior

Figura 3

Permita-me apresentar um ponto técnico aqui (e usarei novamente diagramas para tentar simplificar a questão). Embora Washburn refira-se ao meu modelo como uma "escada", na verdade ele está muito mais próximo de um gráfico de barras (como na Figura 4).



Consciousness (Levels)	Consciência (Níveis)
Various Developmental Lines (see text)	Várias Linhas de Desenvolvimento (ver texto)

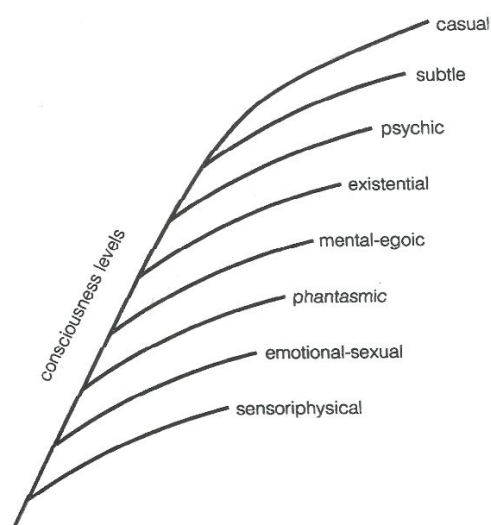
Figura 4

Começando em *The Atman Project*, tenho afirmado sistematicamente que o desenvolvimento biopsicoespiritual poderia ser mais bem representado por numerosas correntes ou linhas de desenvolvimento (segundo Anna Freud), e que cada uma dessas linhas percorre um espectro de níveis, dos menos desenvolvidos aos mais desenvolvidos. Eu equiparei esse espectro geral com a consciência em si (indo do subconsciente ao autoconsciente até o superconsciente, ou do pré-pessoal ao pessoal até o transpessoal). Assim, cada *nível* de consciência contém numerosas *linhas* de desenvolvimento mentais diferentes. Em uma série de publicações, sugeri que existem linhas de desenvolvimento *separadas* para capacidade cognitiva, senso de tempo, senso de espaço, motivação, senso moral, senso do eu, epistemologia natural, capacidade conativa, afeto, relações objetivas e capacidade interpessoal – citando as mais proeminentes. Essas várias linhas de desenvolvimento, aparentemente, podem evoluir de uma forma um tanto independente, embora algumas linhas de desenvolvimento pareçam ser pré-requisitos para outras. Por

exemplo, o desenvolvimento cognitivo é necessário, mas não suficiente, para a competência interpessoal, que é necessária, mas não suficiente, para o desenvolvimento moral (Kohlberg, 1981; Loevinger, 1976; Selman, 1971).

Assim, o crescimento geral de uma pessoa poderia ser apresentado em um gráfico de barras (como na Figura 4), com o crescimento de algumas linhas sendo necessário, mas não suficiente, para o crescimento de outras. No modelo de espectro, o processo dinâmico que mantém todas as várias linhas de desenvolvimento unidas em um todo coerente é chamado de "sistema do eu" (ver Wilber, Engler e Brown, 1986). Quanto à escala de consciência (o eixo y), em geral apenas número os níveis, mas às vezes dou um nome a cada nível, que caracteriza o tipo de atividade mais marcante do nível em questão (e.g., sensório-físico, emocional-sexual, mental-egoico, existencial, psíquico, sutil, causal e assim por diante).

Finalmente, eu usualmente condenso a Figura 4 em algo como a Figura 5, onde o eixo y na Figura 4 agora é representado como um símbolo em forma de escada, e os vários degraus indicam esquematicamente apenas algumas das linhas de desenvolvimento (com cada ramo júnior sendo necessário, mas não suficiente para o surgimento de seu ramo sênior). Este é o diagrama que faz com que o termo "semelhante a escada" seja usado para o meu modelo, mas espero que agora esteja claro que uma estrutura parecida com uma escada real e simples não é o que tenho em mente. Entre outras coisas, um modelo singelo em forma de escada ignora regressões e movimentos espiralados ou dialéticos; ignora a involução; e o mais importante, ignora a natureza quase independente das várias linhas de desenvolvimento.



consciousness levels	níveis de consciência
causal [casual]	causal
subtle	sutil
psychic	psíquico
existential	existencial
mental-egoic	mental-egoico
phantasmic	fantasmico
emotional-sexual	emocional-sexual
sensoriphysical	sensorio-físico

Figura 5



Curiosamente, ainda usei o diagrama circular (semelhante à Figura 1) tanto em *The Atman Project* quanto em *Up from Eden*, embora também tenha adicionado tabelas e diagramas espiralados ascendentes. Porém, mantive o diagrama circular (ou retorno em U) porque percebi que ainda havia de fato uma inversão de marcha no desenvolvimento metafísico geral, mas que não ocorria onde os junguianos imaginavam. E essa foi a chave do problema.

A ideia em si é simples, mas a semântica é um pouco confusa; tentarei ser o mais claro possível. Em primeiro lugar, observe que passei do modelo representado na Figura 1 para o modelo representado nas Figuras 2 e 3 (bem como nas Figuras 4 e 5, mas para tornar esta apresentação mais simples, usarei apenas as Figuras 2 e 3).

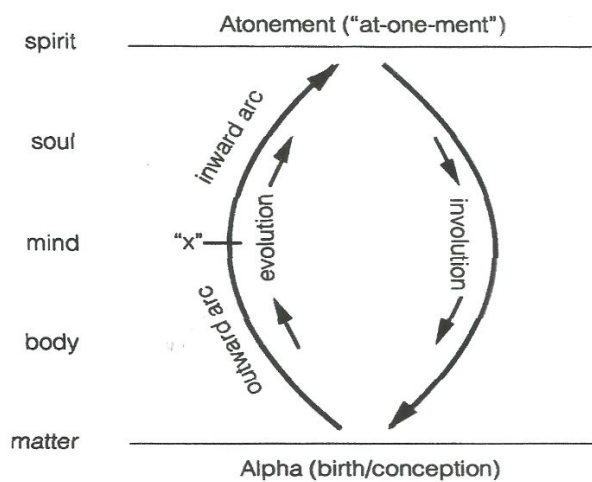
Na Figura 1, o modelo do retorno em U, o Arco Exterior é marcado pela emergência do ego a partir da Essência primordial. Então, uma inversão de marcha ocorre abruptamente bem no meio do desenvolvimento (no topo do círculo), e o self finalmente retorna (ou pode retornar) à Essência primordial. Washburn apresenta uma versão sutil desse modelo. (Observe que no modelo de espectro ascendente ou evolucionário, ainda há um arco exterior – a criação de um ego orientado para fora – e um arco interior – a transcendência desse ego [embora não seja realmente "para dentro"]. Eles são apresentados nas Figuras 2 e 3.)

Agora, com referência ao modelo de espectro evolucionário (Figuras 2 e 3): de acordo com representantes da filosofia perene como Aurobindo (n.d.), Coomaraswamy (1957) e Huston Smith (1976), antes de qualquer evolução deve haver um movimento *prévio de involução*. Isto é, antes que os estágios superiores possam se desenvolver a partir (ou melhor, através) dos inferiores, eles devem, primeiro, estar embutidos ou "perdidos" nos inferiores. Ou seja, antes que possa haver ascensão, deve haver descensão. Esse movimento prévio do superior para o inferior é denominado "involução", e uma vez que a involução tenha ocorrido, o processo inverso, o da evolução, pode ocorrer.

Isso pode ser retratado como na Figura 6, onde representei a involução (ou o envolvimento do superior no inferior) pelo arco descendente do lado direito. Este diagrama, aliás, é praticamente idêntico ao diagrama que usei para resumir o modelo de espectro final em *The Atman Project*. Na Figura 6, também adicionei os cinco dos níveis mais comuns da Grande Cadeia do Ser obtidos da filosofia perene (matéria, corpo, mente, alma e espírito). O ponto é que, na involução, o self move-se do espírito para a alma, para a mente, para o corpo, para a matéria, onde aparece, no nascimento, como basicamente apenas um corpo em um mundo material (embora chegue, como disse Wordsworth, "trilhando nuvens de glória").

O self está então pronto para começar sua jornada de retorno do corpo material para a mente, para alma, para o espírito (a espiral evolucionária ou desenvolvimental).

Esse modelo também tem um retorno em U, mas ele não se dá onde o modelo de Washburn/Jung o imagina. Porém, antes de entrarmos nesse ponto, seria útil examinar mais cuidadosamente o conceito de involução.



Alpha (birth/conception)	Alpha (nascimento/concepção)
matter	matéria
body	corpo
mind	mente
soul	alma
spirit	espírito
outward arc	arco exterior
inward arc	arco interior
evolution	evolução
involution	involução
Atonement ("at-one-ment")	Unidade ("ser uno")

Figura 6

## INVOLUÇÃO

Na filosofia perene em geral, a involução tem quatro significados distintos, mas intimamente relacionados. O primeiro é cosmológico: a involução é a descensão do espírito à matéria, um processo que cria o universo (durante, digamos, o *Big Bang*), e a partir do qual a evolução começa a ocorrer. Nesse sentido, involução significa simplesmente manifestação. Não é que a matéria (ou a manifestação em geral) esteja separada do Espírito ou mesmo posta contra o Espírito. Ao contrário, a matéria é simplesmente a forma mais densa do Espírito, o Espírito em sua "alteridade", ou Espírito alienado (Hegel), uma alienação ou estado "pecaminoso" que a evolução (ou retorno ao Espírito *como* Espírito) consegue reverter.

Segundo: a involução também pode significar os vários estágios de estado de vida após a morte ou Bardo, onde a alma, tendo imergido diretamente no Espírito, começa a abandonar o Espírito e descer para domínios mais baixos e mais densos, resultando em renascimento isolado e alienado em um corpo físico, daí "nascendo em pecado". Novamente, não é que a matéria ou o corpo sejam pecaminosos; é

que a matéria e o corpo, percebidos separados do espírito, são pecaminosos, ou seja, decaídos ou alienados ou a Fonte não realizada. A propósito, os passos involucionários do espírito para a mente e para o corpo material são exatamente os três estágios do Bardo pós-morte descrito no *Tibetan Book of the Dead* (Fremantle & Trungpa, 1975). No início deste e de cada momento, cada indivíduo é Deus como Luz Clara; mas no final deste mesmo momento – em um lampejo, em um piscar de olhos – ele acaba como um ego isolado.

Terceiro: a involução significa mais diretamente a criação momento a momento de separação e isolamento onde há, na verdade, somente união radical com o Espírito. Como comentei em *The Atman Project*: "Neste momento, no próximo e no seguinte, um indivíduo é Buda, é Atman, é o Dharmakaya – mas, neste momento, no próximo e no seguinte, ele se apresenta como Fulano de Tal, como um eu separado, como um corpo isolado, aparentemente vinculado a outros corpos isolados. No início deste e de todo momento, cada indivíduo é Deus como Luz Clara; mas no final deste mesmo momento – em um lampejo, em um piscar de olhos – ele acaba como um ego isolado. Chamamos esse fenômeno, momento a momento, de involução microgenética do espectro da consciência."

Portanto, a involução não é algo que ocorreu simplesmente, ou mesmo especificamente, antes do nascimento ou em algum passado cosmológico distante. Na verdade, diz-se que a involução está ocorrendo exatamente agora, neste momento, à medida que nos separamos ou nos alienamos da Essência e da Fonte. Momento a momento, afastamo-nos do Espírito, involuímos, descemos; e, portanto, devemos retornar à Fonte e ao Self – devemos crescer e evoluir para reverter a Queda. No Budismo, os oito *vijnanas* (ou níveis de consciência) involuem do *amala* (Espírito) e, simultaneamente, evoluem de volta para o *amala*. A técnica para "acelerar" essa evolução, ou o retorno a *amala* (Fonte) é basicamente a meditação, que se diz que prossegue, claramente, em estágios ou sequência de desenvolvimento hierárquico (ou espiral ascendente), já que a involução se deu em uma sequência espiralada descendente (Brown, 1977; Brown & Engler, 1980).

Quarto e último: involução tem um simples significado tântrico, iogue ou corporal. Quando você inspira, diz-se que você está literalmente respirando o Espírito (*prana* cósmico), do topo da cabeça (e garganta) ao abdômen inferior e área genital. Isso é dito ser uma descensão da Luz (ou espírito) para a Vida (ou matéria e corpo). Isso é involução. Quando você expira, a energia vital (também conhecida como *kundalini*) flui da base da coluna até o topo da cabeça e volta ao infinito. Isso é Vida devolvida à Luz, ou a ascensão do espírito de seu estado adormecido na

matéria e no corpo (na base da espinha) para sua morada prévia como espírito puro (além da coroa). Essa ascensão, claro, é evolução.

Três comentários sobre isso. Primeiro: a involução e a evolução estão conectadas muito concretamente ao corpo e sua respiração. A cada inalação, diz-se que você respira espírito em seu ser corporal, onde sente separação e isolamento; isto é, a cada inspiração você encarna como um corpo separado, como um senso de eu separado. Mas, a cada expiração, você libera o senso de eu separado de volta ao infinito. Esta é uma prática real em muitos textos iogues e tântricos, e serve para nos lembrar da mecânica muito concreta da existência separada, de involução e evolução.

Segundo: serve para nos lembrar que a involução não é meramente, ou mesmo especialmente, uma "coisa ruim". A involução como inspiração é a maneira como trazemos o espírito à vida, o animamos e o encarnamos de maneira alegre e expressiva. A descensão (ou involução) é "ruim" apenas quando está desconectada da evolução (ou ascensão). Na verdade, quando a involução e a evolução são isoladas uma da outra, ambas ficam distorcidas. Ascensão sem descensão é repressão, ou ascetismo árido – negação da terra, negação do sexo, negação da vida. Ela tende a ser patriarcal, sexista e destruidora da natureza. Descensão sem ascensão, por outro lado, fica presa ao corpo, orgiástica, impulsiva; nega o céu e glorifica a terra e o submundo sem nenhuma conexão com a Radiância além. Ela tende a ser matriarcal, estática e antievolucionária. A questão é que esses dois movimentos são necessários para equilibrar as inadequações e desarmonias um do outro. Tanto a ascensão quanto a descensão, quando se integram em união harmoniosa, têm papéis profundos a desempenhar.

Terceiro – e não é surpresa – tradicionalmente, a descensão está associada à Deusa feminina, que traz a Luz para a Vida, para a terra e para o corpo; e a ascensão está associada ao Deus masculino, que eleva a Vida à Luz, liberação e retorno. A inspiração é a Deusa descendendo; a expiração é Deus ascendendo. O objetivo do Tantra é unificar Deus e Deusa em um círculo ininterrupto de continuidade e comunhão ("tantra" significa "continuidade"); ascensão e descensão em um casamento divino.

Como um ponto adicional, gostaria de esclarecer que os críticos que acusam meu "desenvolvimentalismo hierárquico" de sexismo patriarcal o fazem concentrando-se apenas no lado ascendente do modelo e ignorando o lado descendente. Isso é compreensível, visto que a maioria das escolas ocidentais de psicologia lida com a ascensão desenvolvimental e, como estou tentando integrar

muitas dessas escolas, concentrei-me na ascensão. Mas ela é apenas metade do modelo geral, como o concebo.

### **COMPARAÇÃO ENTRE OS DOIS MODELOS**

Agora, compare os dois modelos. Algum deles é linear? Absolutamente não. Ambos apresentam um retorno em U. O principal ponto de Washburn é que o modelo de espectro não pode acomodar o retorno em U e, portanto, é falho. Todas as suas "cinco questões cruciais" dependem desta. Mas o modelo de espectro definitivamente apresenta o retorno em U, cosmológica, ontogenética e microgeneticamente (Washburn trata apenas da ontogenia).

Eu marquei um ponto "X" em meu modelo e no de Washburn/Jung (ver Figuras 1 e 6). Para Washburn, "X" é o retorno em U, o ponto em que ele acredita que o desenvolvimento e a evolução necessariamente começam a retornar para níveis mais baixos. Em minha opinião, Washburn, corretamente, compreende que deve haver algum tipo de retorno em U (porque, de fato, decaímos da união com o Espírito e devemos reverter essa Queda). No entanto, como Washburn parece não ter compreensão da involução, ele é forçado a colocar o retorno em U (ponto X) bem no meio do arco evolucionário, bem no meio do desenvolvimento em andamento (em vez de localizá-lo em seu ponto correto, indicado como "alfa" na Figura 6). Não ocorre nada parecido com o que Washburn postula – o desenvolvimento invertendo abruptamente seus estágios no meio do caminho, não ocorre, nem mesmo remotamente, em nenhuma sequência evolucionária ou desenvolvimental conhecida. Na verdade, de acordo com as teorias dinâmicas modernas da evolução, cada estágio de crescimento é irreversível: continua para estágios mais elevados, permanece como está ou se desintegra totalmente; não retrocede.

Os reais motivos pelos quais, finalmente, descobri ser impossível localizar o retorno em U no ponto X (e o coloquei no ponto alfa) são cuidadosamente delineados em um artigo publicado anteriormente neste periódico (Wilber, 1982; a discussão deste tópico específico ocupou nove páginas inteiras) e em um ensaio intitulado "The Pre/Trans Fallacy" (Wilber, 1983). Não vou repetir esses extensos argumentos aqui.

Em vez disso, permita-me apenas dizer que uma das principais razões pelas quais Washburn, os Românticos e os Junguianos colocam o retorno em U no ponto X é que nele o sentimento de alienação é de fato o maior. Nos estágios pré-X (ou pré-egoicos) não há sensação de alienação, e nos estágios trans-X (ou transegoicos)

também não. Nesse ponto, ambos os sistemas concordam. Mas, de acordo com Washburn/Jung, não há alienação genuína no pré-X porque o ego nascente está adormecido beatificamente na Essência, uno com o Self, de maneira inconsciente. Desse modo, o ponto X é o ápice da alienação real, bem como o ápice do senso ou vivência verdadeira dessa alienação.

Conforme a visão do espectro, há de fato alienação real nos estágios pré-X, mas simplesmente ela não é percebida. Na verdade, os estágios pré-X, não os estágios X, são o ápice da alienação do Espírito (ou do sono do Espírito). À medida que o desenvolvimento ocorre nos estágios X, ou egoicos, a pessoa passa do subconsciente para o autoconsciente e, assim, desperta para a sua própria alienação, que esteve ontologicamente presente desde o nascimento. Mas o ponto X não é o ápice da completa alienação – é o ponto alfa. X é simplesmente o auge da conscientização da alienação fundamental (além de qualquer estágio de angústia existencial para o qual X possa contribuir). X não é o apogeu da doença; na verdade, ele está na metade do caminho da cura (ou da espiral evolucionária de volta ao Espírito).

Se minha mão passar por um caso grave de queimadura de frio, não consigo sentir nada; só quando ela começa a descongelar é que começa a doer. Essa dor não ocorre no auge do congelamento real; ao invés, ocorre na metade do processo de cura ou "aquecimento". Ou ainda: se minha perna adormece, não sinto nada; mas quando começa a acordar, dói um bocado. O mesmo ocorre com a alma adormecida, a alma nascente que está dormente desde o nascimento e precisa "acordar". O ponto X é o ponto de início do despertar (ou do "aquecimento"); não é o Inferno real, apenas parece. Mas a posição de Washburn/Jung confunde "dói mais" com "é o pior"; isto é, confunde a dolorosa conscientização da alienação (que ocorre no ponto X) com a alienação ontológica ou fundamental propriamente dita (que remonta ao ponto alfa do passado).

Em suma, para Washburn, X é o auge da alienação real do Self e da Essência; para mim, X está a meio caminho de volta em direção ao Self e à Essência (e, pela primeira vez, dolorosamente ciente de sua situação). E esse retorno certamente não é alcançado por regressão e recuo, mas por crescimento e desenvolvimento contínuos (ou "despertar").

Isso não quer dizer que não possa ocorrer regressão. Em geral ocorre, e ela pode ser muito valiosa para o crescimento. Mas não é *obrigatória* como mecanismo de crescimento. A regressão é algo que pode acontecer, em um grau ou outro, em vários momentos do desenvolvimento, mas não é a dinâmica do desenvolvimento em si. Ao contrário, para dar apenas um exemplo, de acordo com a teoria

evolucionária moderna, a dinâmica é a da autorregulação levando a integrações holísticas de ordem mais elevada – "autodesenvolvimento por meio de autotranscendência" (Jantsch), não autodesenvolvimento por reversão e regressão obrigatórias.

### **ALGUNS PONTOS A ESCLARECER**

Isso resume minha principal objeção ao modelo Washburn/Jung. Gostaria agora de abordar brevemente alguns pontos técnicos de Washburn. Vou simplesmente pinçá-los aleatoriamente:

1. Washburn afirma que a maioria das tradições perenes apoia o modelo de espectro, mas pelo menos duas importantes tradições – a bíblica e a odisseia do herói – sustentam seu modelo. De acordo com os mitos do herói, o herói deve primeiro descer ao submundo, ou enfrentar seu próprio "inferno", antes de poder ascender (transformado) ao mundo superior (ou céu). Washburn usa essa "descensão" como exemplo de sua versão do retorno em U, ou seja, uma regressão às origens antes da ascensão transformadora.

Porém, aqui, creio, Washburn não capta o ponto central: o herói não está regressando ao submundo, porque o herói *nunca esteve antes no submundo*. Você simplesmente não pode retornar àquilo com o qual está entrando em contato pela primeira vez; você não pode regredir ou retornar a um lugar onde nunca esteve antes. Quando o herói encontra o inferno, ele o faz pela primeira vez; ele está, portanto, simplesmente dando um passo à frente em seu próprio desenvolvimento; ele não está regredindo (um herói regredido, possivelmente, não conseguiria lidar com o inferno).

Em vez disso, a odisseia do herói é simplesmente uma metáfora mítica para chegar a um acordo com nossos próprios potenciais não realizados, alguns dos quais são arcaicos e "inferiores", outros são evoluídos e "superiores". Esse encontro pode envolver uma regressão a aspectos do self que foram reprimidos no início do desenvolvimento, mas a regressão não é nem teoricamente obrigatória (uma vez que a dinâmica do crescimento real é a estruturação irreversível) nem, pragmaticamente, sempre o caso (a maioria dos estágios de crescimento – moral, cognitivo, do self – *nunca* estão envolvidos em regressão indiscriminada para estados prévios).

Certamente não estou negando que a odisseia do herói – a odisseia de qualquer pessoa – às vezes enfrentará crises horrendas e infernos literais. Na

verdade, postulei que crises de vida/morte ocorrem (em vários graus) em praticamente todos os estágios de crescimento e desenvolvimento, à medida que o self morre para esse estágio e renasce no seguinte. Essas crises podem ocorrer, e ocorrem, até mesmo nos estágios mais elevados de crescimento espiritual.

Mas Washburn fala como se houvesse apenas um grande e difícil retorno em U "passando pelo inferno", depois do qual o crescimento é doçura e luz. De acordo com Washburn, o Céu não pode ser alcançado até, e a menos, que o Inferno tenha passado. Uma vez que se negocie com o Inferno, o Céu pode ser encontrado à frente. Para mim, é muito mais complexo: *cada* estágio de crescimento em direção ao Céu tem seu próprio Inferno potencial – e algumas das batalhas superiores ou celestiais são muito mais horrendas do que as batalhas com o submundo inferior e relativamente simples. (Eu registrei, por exemplo, nove principais estágios de crescimento e indiquei especificamente as numerosas patologias ou "infernos" de cada estágio; ver Wilber et al. [1986]).

Quanto ao alegado suporte bíblico do modelo de Washburn, creio que ele novamente não entendeu o ponto central. De acordo com todas as versões da doutrina bíblica (e da teologia subsequente), o bebê *nasce* em pecado. Não é, como Washburn acredita, que o bebê nasça imerso no paraíso (embora inconsciente), e *então* peca ao se separar da Essência primordial (por volta dos dois anos de idade). Washburn, novamente, deseja colocar o retorno em U em algum ponto na metade do crescimento e da evolução (ponto X), em vez de no início (ponto alfa) donde ele faz parte, como toda a doutrina bíblica claramente percebe.

Em suma, mesmo essas duas tradições não apoiam o modelo de desenvolvimento ontogenético de Washburn; são, na verdade, consoantes com minha própria versão de crescimento e localização do retorno em U.

Ora, creio que Washburn coloca o retorno em U no ponto X ao invés de no ponto alfa por uma razão simples: colocar o retorno em U no ponto alfa (ou concepção) implica claramente que algo veio antes do ponto alfa e do retorno em U. Isto é, implica *alguma* teoria da existência da consciência (ou da alma) antes do nascimento. Implica metafísica, não simples psicologia ou uma espiritualidade meramente psicologizada. Observe que, para Washburn, a vida começa no nascimento e termina na morte. Ele parece querer confinar toda a consciência espiritual ao que acontece no plano material, com este nascimento, nesta vida, e não enfrentar a questão da vida após a morte ou, mais geralmente, da consciência transcendente (mas inerente) à matéria. Em outras palavras, sua versão da espiritualidade me parece ser uma visão de mundo bem reducionista, materialista e empirista; confina os eventos a esta dimensão densa e à simples curva da



evolução, ignorando assim a questão da involução prévia (ou as dimensões genuinamente mais sutis e causais da própria existência). E, portanto, na minha opinião, Washburn *precisa* colocar o retorno em U em algum lugar no curso dos eventos *durante* a evolução (uma vez que ele não tem outro lugar para colocá-lo). Desse modo, tudo fica confinado aos eventos entre a vida corpórea e a morte. A consciência e o espírito anteriores a este mundo manifesto (mas intrínsecos a este mundo manifesto) são inteiramente ignorados por Washburn. Assim, acredito que o pensamento completo de Washburn não é, como ele descreve, "uma teoria transpessoal do desenvolvimento humano", mas sim uma redução humanística do desenvolvimento transpessoal.

## 2. Washburn (nesta edição) afirma fortemente que:

A acusação de Wilber da [versão de Washburn] do retorno em U é baseada em uma suposição não comprovada e questionável, a saber, que os correlatos pré-egoicos e transegoicos são semelhantes apenas na aparência. Afinal, essa suposição é precisamente o ponto em disputa, e é exatamente essa suposição que a visão em espiral rejeita. A visão em espiral nega que correlatos pré-egoicos e transegoicos apresentem apenas afinidades ilusórias ... e defende a posição contrária de que esses correlatos estão intimamente relacionados, no sentido de que refletem os mesmos potenciais em dois diferentes níveis de expressão.

Mas se for assim – se *pré* e *trans* são a mesma coisa em dois níveis diferentes (uma noção estranha em si) – isto não é verdade em nenhuma outra área de desenvolvimento que conhecemos. Por exemplo, os estágios morais *pré-convencional* e *pós-convencional* não têm praticamente nada em comum; eles estão em polos opostos; eles definitivamente não são "os mesmos potenciais em dois níveis diferentes de expressão". Isso seria como dizer que um Hell's Angel e Mahatma Gandhi estão realmente fazendo a mesma coisa de um ângulo diferente. Do mesmo modo, as cognições *pré-operacional* e *pós-operacional* (ou *operacional formal*) não compartilham praticamente nenhum potencial, não mais do que, digamos, pré-escola e pós-graduação serem a mesma coisa vista de forma diferente. E similarmente, no desenvolvimento de relações objetais, motivação, desenvolvimento do ego e relações interpessoais, os estágios *pré* e *trans* (ou *pós*) têm muito pouco em comum. As evidências são quase esmagadoras; portanto, é bastante difícil para mim compreender, como Washburn afirma, que essa visão é "não comprovada e questionável".

O que é questionável, na minha opinião, é que Washburn amontoe o pré-egoico com o transegoico, chamando esse amontoado de "essência não egoica" e,

em seguida, coloque o ego no ápice da alienação desse amontoado. Esta é a clássica "falácia pré/trans", que Washburn procura, cuidadosamente, evitar.

**3.** Acredito que essa confusão pré/trans específica repousa, em parte, no que me parece ser a visão um tanto ingênua e romântica de Washburn do estado real do self neonatal e infantil (ou, em geral, do self desde o nascimento até os 18 meses). Para ele, o self infantil é, na verdade, uno com a Essência (ou Self) e, portanto, existe, de acordo com Washburn (1988), em "um todo integrado e omni-inclusivo". Ele descreve esse estado infantil e pré-egoico em termos incrivelmente elogiosos:

O poder da Essência pulsa através do corpo do bebê em ondas crescentes e expansivas de bem-aventurança. Esse poder flui continuamente através do ser neonatal, fazendo-o flutuar, embalando-o e deixando-o adequadamente satisfeito. O tom afetivo ... é de bem-estar superabundante". Washburn conclui afirmando que "a incorporação original é uma condição de unidade e bem-aventurança irrestritas ... um estado de *at-one-ment* [ser uno]".

Essa é claramente uma leitura altamente romântica dos primeiros meses de vida. Uma visão mais equilibrada, e muito mais consistente com a pesquisa moderna sobre o desenvolvimento infantil, é que o self neonatal pode ocasionalmente vivenciar sentimentos de êxtase ou bem-aventurança, mas também é um sistema altamente fragmentado, desarticulado e não integrado, experienciando raiva, medo e dor tão frequentemente quanto "bem-estar superabundante". O self neonatal não é um todo unificado; o máximo que podemos deduzir é que é um sistema fragmentado de núcleos elementares do ego, regidos por reflexo, descarga fisiológica, afeto rudimentar e irritabilidade (Chess & Thomas, 1985; Kagan, 1984; Stern, 1985; White, 1985).

Creio que Washburn é forçado a elogiar e elevar o status desse estado pré-egoico desarticulado por duas simples razões: (a) o estado transegoico é, mais ou menos, um todo unificado que é frequentemente acompanhado por sentimentos de felicidade, plenitude e superabundância; e (b) Washburn acredita que o estado transegoico é uma ressurreição de uma condição que foi renunciada no estado pré-egoico. E, *portanto*, o estado pré-egoico deve estar impregnado de características que são precursoras do estado transegoico – daí sua simples falácia pré/trans e sua leitura incrivelmente romântica do recém-nascido.

**4.** Washburn (nesta edição) afirma: "O paradigma da espiral concorda com o paradigma da escada ao sustentar que a autorrealização plena é uma condição de unidade superior. No entanto, o paradigma da espiral difere do paradigma da escada por sustentar que esta unidade superior é aquela no âmbito da qual o self

individual ou ego permanece presente." Esta é uma disputa semântica; depende inteiramente de como você define self ou ego. Se ego é definido como uma identidade exclusiva com o corpo-mente individual, então uma "unidade superior" não é possível até que o ego (ou identidade exclusiva) seja rompido. É por isso que o próprio Washburn se refere aos estágios superiores como transegoicos. *Esse ego deve ser dissolvido.* Mas se ego refere-se à personalidade funcional e convencional que se relaciona com a realidade convencional, então, é claro, esse ego permanece existindo mesmo quando unidades mais elevadas são desveladas. Sustento essa posição consistentemente desde meu primeiro livro (Wilber, 1977), onde citei Benoit em apoio: "não é o ego, mas a identidade exclusiva com o ego que é o problema".

5. Durante meus tempos neojunguianos, escrevi um longo ensaio (Wilber, 1979) que esboçou o desenvolvimento da sexualidade infantil e sua relação com a espiritualidade. Washburn aparentemente o estudou, pois faz referência à antologia em que ele foi publicado. A principal conclusão desse ensaio foi que "a consciência de Deus não é sexualidade sublimada; sexualidade é a consciência de Deus reprimida".

Ora, essa visão faz todo o sentido se você localizar o retorno em U no ponto X em vez de no ponto alfa, o que, obviamente, fiz à época. Visto que Washburn endossa o que acredito ser o mesmo erro, não é surpresa encontrar, dez anos depois, no livro de Washburn (1988): "contrariamente à posição freudiana, segundo a qual o espírito é libido sublimada, a posição que estou avançando é que a libido é o espírito reprimido".

O problema com essa visão é que ela, inequivocamente, significa que os seres iluminados não podem ter libido ou sexo, o que é uma tolice. Alguns, de fato, são ascéticos em relação ao plano denso em geral: eles restringem o uso do dinheiro, comida e sexo em seu desejo de disciplinar a consciência. Mas isso dificilmente significa que eles não poderiam atuar genitalmente, ponto final. Em minha opinião, este é mais um exemplo da falácia pré/trans – neste caso, colapsar pré-genital com transgenital e confundir os dois. Contra Washburn (e contra meu próprio modelo anterior), libido não é espírito reprimido; libido é simplesmente a expressão mais baixa do espírito, mas, mesmo assim, uma expressão (e é precisamente por isso que o Tantra usa a sexualidade para ascender de volta à espiritualidade, o que nunca poderia ocorrer se uma fosse meramente a repressão da outra). Em outras palavras, sexualidade e espiritualidade não são mutuamente exclusivas, ou mesmo incompatíveis, o que teriam de ser se uma fosse simplesmente a repressão da outra.

## CONCLUSÃO

O argumento original de Washburn é que existem dois modelos coerentes, mas incompatíveis, de desenvolvimento psicoespiritual e que, uma vez que são de fato incompatíveis, nenhuma teoria de transcendência verdadeiramente unificada é possível. O ponto central da tese de Washburn é que o chamado "modelo de escada" não contém nenhum retorno em U rumo às origens, ao passo que o modelo de Washburn/Jung sim. Com base nesse ponto central, Washburn indica cerca de meia dúzia de questões sobre as quais os dois modelos discordam, mas essas questões, tanto ele quanto eu concordamos, dependem da existência e da localização do ponto de retorno.

Desde o início, indiquei que o "modelo de escada" apresenta, definitivamente, de uma forma ou de outra, um retorno em U rumo às origens. Mas, cada vez mais, passei a acreditar que a versão junguiana do retorno em U (que Washburn representa) é profundamente incorreta, em desacordo não apenas com a filosofia perene, mas também com a maior parte da pesquisa moderna sobre desenvolvimento psicológico (e sobre a teoria de sistemas evolucionários e dinâmicos em geral). Posteriormente, rejeitei essa visão "regressiva" da evolução e a substituí por um paradigma involucionário/evolucionário, de descensão e ascensão, com o retorno em U aparecendo, corretamente, creio eu, entre elas (e não na metade da evolução propriamente dita).

Seja como for, o "modelo de escada" possui, de fato, um retorno em U bem real e, portanto, a objeção central de Washburn entra em colapso, acompanhada do fundamental de seus corolários. Tenho convicção de que o paradigma involucionário/evolucionário engloba as verdades essenciais do paradigma de Washburn/Jung, mas rejeita o que acredito serem vários erros, más interpretações e falácias pré/trans. E, como Washburn admite, o paradigma involucionário/evolucionário tem a vantagem adicional de ser sustentado, na maior parte dos aspectos básicos, tanto pela maioria das tradições perenes quanto pela maior parte da moderna teoria do desenvolvimento psicológico.

E, finalmente, uma vez que acredito que o modelo de Washburn/Jung está errado em certos pontos fundamentais (como a localização do retorno em U), não há necessidade de tentar incorporar ou integrar esses erros aparentes em uma teoria unificada de transcendência; em vez disso, simplesmente os rejeitamos (assim como o sistema ptolomaico não foi integrado à astronomia moderna, mas sim descartado). Se rejeitamos as incorreções do modelo Washburn/Jung ao mesmo tempo que incorporamos os precisos e importantes pontos desse modelo, creio que uma teoria unificada de transcendência e crescimento psicoespiritual é

de fato possível, e que o modelo involucionário/evolucionário – que tenta incorporar os elementos corretos da teoria junguiana – é um passo na direção certa.

## REFERÊNCIAS

- Aurobindo, G. (n.d.). *The life divine*. Pondicherry, India: Centenary Library.
- Brown, D. (1977). A model for the levels of concentrative meditation. *International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis*, 25, 236- 273.
- Brown, D. P., & Engler, J. (1980). The stages of mindfulness meditation: A validation study. *Journal of Transpersonal Psychology*, 12, 143-192.
- Chess, S., & Thomas, A. (Eds.). (1985). *Annual progress in child psychiatry and child development 1984*. New York: Brunner/Mazel.
- Coomaraswamy, A. K. (1957). *The dance of Shiva*. New York: Noonday.
- Edinger, E. F. (1972). *Ego and archetype*. Baltimore: Penguin.
- Fremantle, F., & Trungpa, C. (1975). *The Tibetan book of the dead*. Berkeley, CA: Shambhala.
- Freud, A. (1963). The concept of developmental lines. *Psychoanalytic Study of the Child*, 8, 245-265.
- Kagan, J. (1984). *The nature of the child*. New York: Basic Books.
- Kohlberg, L. (1981). *Essays on moral development* (Vol. 1). San Francisco: Harper & Row.
- Loevinger, J. (1976). *Ego development*. San Francisco: Jossey-Bass.
- McNamara, W. (1981). *Christian mysticism*. Warwick, NY: Amity House.
- Reynolds, J. (1989). *Self-liberation through seeing with naked awareness*. Barrytown, NY: Station Hill.
- Samuels, A. (1985). *Jung and the post-Jungians*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Selman, R. (1971). The relation of role-taking to the development of moral judgment in children. *Child Development*, 42, 79-92.
- Smith, H. (1976). *Forgotten truth*. New York: Harper.

Stern, D. N. (1985). *The interpersonal world of the infant*. New York: Basic Books.

Washburn, M. (1988). *The ego and the dynamic ground*. Albany, NY: SUNY Press.

White, B. L. (1985). *The first three years of life*. New York: Prentice Hall.

Wilber, K. (1979). Are the chakras real? In J. White (Ed.), *Kundalini, evolution and enlightenment*. New York: Doubleday Anchor.

Wilber, K. (1980). *The Atman project*. Wheaton, IL: Quest.

Wilber, K. (1981). *Up from Eden*. New York: Doubleday Anchor.

Wilber, K. (1982). Odyssey: A personal inquiry into humanistic and transpersonal psychology. *Journal of Humanistic Psychology*, 22(1), 57-90.

Wilber, K. (1983). *Eye to eye*. New York: Doubleday Anchor.

Wilber, K., Engler, J., & Brown, D. P. (1986). *Transformations of consciousness*. Boston: Shambhala.